

PATRIMÔNIO DA SERRA DOS TAPES: AS CASAS DE PEDRA DA COLÔNIA MACIEL NAS NARRATIVAS DOS SEUS DETENTORES

VANESSA PATZLAFF BOSENBECKER¹;
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – vanessa.bosenbecker@riogrande.ifrs.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na “Antiga Pelotas”¹, existem bens arquitetônicos de valor patrimonial, como as casas de pedra dos imigrantes italianos da Colônia Maciel, que não receberam reconhecimento oficial. Este trabalho busca entender como essas casas contribuem para a constituição das identidades dos “colonos”². Esta pesquisa é parte de um projeto de tese, desenvolvido no PPGMP³-UFPEL, com apoio do IFRS.

De acordo com a definição de POULOT (2009), a patrimonialização envolve um processo de construção social que resulta em reconhecimento social e político, enquanto a patrimonialidade se relaciona com as potencialidades dos bens. Portanto, a falta de reconhecimento oficial dos bens arquitetônicos na zona rural não significa ausência de sua importância como patrimônio.

Para validar essa afirmação, analisamos as narrativas dos descendentes dos imigrantes italianos que construíram casas no último quartel do século XIX na Colônia Maciel (Distrito do Rincão da Cruz - Pelotas, RS). O objetivo é compreender a natureza dessas casas e sua importância para os descendentes locais.

Sabendo que cada sujeito faz as suas escolhas memoriais, que cada um opta por representar a sua memória de maneira diferente, compreendemos a narrativa como ALBERTI (2003, p.01), como pistas para se conhecer o passado, “um passado que existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras”. Afinal, a memória cria identidade, mas essa identidade também influencia as escolhas de memória de cada pessoa (CANDAU, 2011).

Este estudo visa a criar um “retrato falado” das construções com base nas narrativas dos descendentes dos imigrantes construtores, incorporando também conversas informais com os proprietários e as percepções dos pesquisadores durante as visitas. O principal objetivo é entender como eram as casas que não existem mais e como eram originalmente as que resistem ao tempo. Além disso, analisamos como esses espaços eram usados e interpretamos sua importância na formação das identidades e no ancoramento das memórias dos proprietários.

2. METODOLOGIA

Empregamos a metodologia de História oral híbrida⁴, utilizando o acervo de entrevistas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM)⁵, como fonte de

¹ “Antiga Pelotas” é a denominação adotada, a partir do “Inventário Nacional de Referências Culturais: Tradições Doceiras de Pelotas”, para designar, além do município de Pelotas, aqueles que desmembraram recentemente, a partir dos anos 1980, quais sejam, Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu.

² Colonos, neste contexto são os pequenos agricultores da zona rural da Serra dos Tapes, descendentes de europeus não-portugueses.

³ Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

⁴ História oral híbrida é a metodologia que propõe um diálogo entre fontes orais e arquivos documentais, no caso deste trabalho, literatura específica da área do estudo.

⁵ Optamos, nesta fase da pesquisa, por usar esse acervo em vez de novas entrevistas porque a maioria dos entrevistados está idosa ou faleceu. As entrevistas foram feitas em 2000 (idade entre 70 e 90 anos) e em 2004/2005 (idade entre 61 e 98 anos). Em 2023, eles teriam entre 78 e 115 anos.

dados (FREUND, 2013), combinado com revisão bibliográfica sobre arquiteturas vernaculares e da imigração italiana.

O MECOM é um Projeto que integra o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da UFPel. As entrevistas do museu abordam diversos assuntos, além da construção e do uso das casas, nosso foco. O método envolveu a análise do acervo de História oral, a seleção de entrevistas que mencionavam arquitetura e a valorização dos edifícios pelos sujeitos (21 de 35), bem como o diálogo entre narrativas e literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os relatos, destacamos que a ênfase no passado de escassez e dificuldades é uma constante. GEHRKE (2018) afirma que existe uma narrativa comum entre os colonos da Serra dos Tapes que inicia com sacrifícios na Europa, continua na viagem e no Brasil e segue com relatos de superação, sucesso econômico e criação de tradições para legitimar esse discurso. SEYFERTH (1992) diz que esse passado comum, repleto de dificuldades e superações, é um elemento fundamental na elaboração da identidade do “colono”.

Quando analisamos as descrições das casas, novamente as dificuldades são destacadas. Um exemplo é o relato de Maria Zanetti Formentin (69), entrevistada em 2000. Ao ser questionada sobre a casa de sua infância, ela disse: “Nem dá para falar [...] era uma casinha velha, baixa, com portas de tábuas de serraria, não tinha nada de vidro, e a fechadura era somente uma tramela.”

Dividimos as casas narradas em três categorias, de acordo com o material de construção utilizado para a vedação das paredes: de terra, de madeira e de pedra, sendo que as de terra são subdivididas em tijolos caseiros ou taipa.

As casas de tijolos são comuns na região, mas o recorte para a análise é desafiador por dois motivos. Primeiro, outras etnias já utilizavam essa técnica antes dos italianos chegarem. Segundo, em 1905 se estabeleceu na região a Olaria de Virgílio Grupelli (VIEIRA, 2009), o que mudou aos poucos a forma de construção. Os colonos substituíram algumas técnicas vernaculares por materiais industrializados, o que foge do escopo do trabalho.

As casas de taipa de barro em estrutura de madeira do tipo pau-a-pique e as casas com paredes de madeira, devido à sua natureza efêmera, não existem mais, habitando apenas os discursos dos narradores do MECOM.

As casas de alvenaria de pedra são duradouras e notáveis, devido à sua excepcionalidade. Alguns entrevistados mencionam casas que já não existem, seja porque desabaram com o tempo ou porque foram demolidas intencionalmente. BASSI (2008) apresentou três casas de pedra: das famílias Formentin, Zoggia e Portantiolo. Além delas, analisamos as casas de Giusto Casarin e da família Portantiolo Kowalski.

Dona Irene Casarin Scaglione (71), entrevistada em 2000, neta do senhor Giusto Casarin, conta que o avô construiu a casa com pedras brutas que encontrava no meio do mato e cobriu a casa com telhas “de tabuinha”. Essa narrativa coaduna com o dito por GUTIERREZ & GUTIERREZ (2000) a respeito das casas de pedra da região serrana do RS. Os autores afirmam que, inicialmente, as pedras eram retiradas do terreno não apenas para construir, mas também para preparar o solo para o plantio.

Entretanto, em visita à casa Portantiolo, fomos convidados a conhecer “o buraco no meio da lavoura”, de onde o imigrante extraiu as pedras para a construção, o que demonstra que nem todos os colonos utilizaram pedras soltas ou nem todas as pedras foram encontradas espalhadas pela lavoura. Seu João

Casarin, entrevistado em 2000 e em 2005, ao ser indagado sobre como eram construídas as casas, disse: “Cavando pedra na lavoura, nos lugares aonde tinha rochas eles iam com alavancas, forçando o picão, e depois levantavam tudo com barro”.

Todas as casas relatadas pelos entrevistados foram construídas com materiais encontrados no terreno: terra, madeira e pedra. As principais diferenças estavam nas técnicas de vedação das paredes, entretanto, todas combinavam esses três materiais.

Não há dúvidas de que a arquitetura produzida pelos imigrantes italianos na Colônia Maciel enquadra-se na categoria de Arquitetura Vernacular/Popular. De acordo com WEIMER (2012), uma arquitetura simples, que usa elementos naturais; adaptada, onde imigrantes adequam suas técnicas tradicionais às circunstâncias locais; criativa, pois precisa se adaptar aos materiais disponíveis, dos quais decorre sua plasticidade (invertendo a lógica da arquitetura erudita, onde os materiais são adaptados à estética que se deseja).

Partindo dessa conceituação, poderíamos apresentar as novas categorias do patrimônio que abarcam bens arquitetônicos desta natureza, já havendo, inclusive, uma Carta Patrimonial ICOMOS/UNESCO que discute o patrimônio construído vernáculo (ICOMOS, 1999). Porém, aqui, interessa-nos evidenciar a importância que essas casas têm para a constituição da identidade dessas famílias.

Em uma das entrevistas, a esposa do senhor Antônio Aldrighi (não nomeada nos arquivos), quando o marido descrevia uma das casas de pedra, interveio e questionou: “Aquilo não tem como recuperar?”. Demonstrou conhecimento, ao dizer: “Mas quando tem patrimônio histórico, tem essas coisas aí pra ajudar. Tinha que conversar com todos os proprietários, ver se teriam interesse e fazer um projeto, pois [as casas de pedra] estão se terminando por falta de manutenção”.

Esse desejo de preservar as casas de pedra também foi expressado pelos moradores da casa Portantiollo. O casal explicou que não dispunha de recursos financeiros para a restauração. No entanto, eles destacaram a importância de envolvimento de órgãos públicos interessados em investir na preservação do local.

Mesmo que nem todos os entrevistados reconheçam essas casas como patrimônio, é evidente, nas entrevistas e nas conversas informais, a importância que os sujeitos atribuem a essas casas, relíquias do período da imigração.

Um fato que demonstra essa valorização é o cuidado empregado para preservar essas construções. Um exemplo é a casa Portantiolo Kowalski, que passou por múltiplas substituições de telhas ao longo dos anos, bem como reparos nas paredes sempre que necessário, utilizando uma variedade de materiais disponíveis, incluindo pedras, tijolos, cimento e até telhas antigas.

4. CONCLUSÕES

Na região da Antiga Pelotas, há bens arquitetônicos com patrimonialidade não reconhecidos oficialmente, nem por órgãos responsáveis pelos processos de patrimonialização, nem por equipes técnicas e acadêmicas que poderiam fornecer um embasamento balizador para tal reconhecimento. Porém, seus detentores destacam a importância desses edifícios na formação de suas identidades como descendentes de imigrantes.

Os descendentes dos imigrantes italianos da Colônia Maciel compartilham uma identidade étnica comum, baseada em um passado de escassez e superação de dificuldades. Consequentemente, as casas de pedra, que permanecem como vestígio desse período mais desafiador de suas histórias, alcançam um status de

patrimônio, uma vez que sua materialidade reflete toda a resiliência daqueles que enfrentaram adversidades decorrentes da escassez.

A dificuldade de extrair, transportar e assentar cada uma dessas pedras, a madeira, extraída da natureza e moldada com o auxílio de ferramentas rudimentares, juntamente com o uso hábil do barro, assumem o papel de testemunhas desse relato de escassez e superação de obstáculos.

Essas pessoas se orgulham não apenas da materialidade do prédio, mas das histórias que podem ser compreendidas, imaginadas e narradas com base nessa materialidade. Suas identidades são sustentadas por cada uma dessas memórias compartilhadas ao longo das gerações e essas memórias são potencializadas pelos edifícios remanescentes.

A História oral não é usual em estudos de arquitetura, que geralmente focam na materialidade, e quando buscam referenciais históricos, tendem a validar precipuamente a documentação escrita e/ou fotográfica. Porém, a interpretação proposta não seria possível apenas com a observação dos edifícios. As casas, por si só, não transmitem significado para um observador externo que não está conectado àqueles colonos. As memórias ajudam a reconstruir as casas e revelam sua importância para os entrevistados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na História Oral. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22, João Pessoa, 2003. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 219 p.

FREUND, A. História oral como processo gerador de dados. In: **Tempos Históricos**, nº17, pp.28–62, 2013.

GEHRKE, C. **Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa**. 2018. 666f. Tese (Doutorado). Curso de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas.

GUTIERREZ, E., & GUTIERREZ, R. **Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914)**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2000. 85p.

ICOMOS. **Carta sobre o patrimônio construído vernáculo**. UNESCO. Out. 1999. Acessado em: 18 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-sobre-o-patrimonio-construido-vernaculo.pdf>

POULOT, D. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239p.

SEYFERTH, G. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 18, pp.78–95, 1992.

VIEIRA, M. A. **Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia**. 2009. 297f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas.

WEIMER, G. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 333p.